

POLÍTICA DE MASSIFICAÇÃO DO ESPORTE

SPORT MASSIFICATION POLICY

POLÍTICA DE MASIFICACIÓN DEPORTIVA

Nailze Pereira de Azevêdo Pazin¹
Denize Pereira de Azevêdo²
Marroney de Santana Nery³

Resumo

Neste artigo busca-se entender qual o papel que a política de massificação do esporte nos anos 1970 teve num contexto marcado pelo consenso e pelo consentimento em torno do regime autoritário. Neste período o nacionalismo estava ligado à ideia de *construção do futuro*. Os espetáculos esportivos deveriam expressar essa vontade de construir e transformar o Brasil para afirmar o espírito nacional desejado pela ditadura. A partir de uma pedagogia moral e do corpo o que está em exercício, no período em questão, é um tipo de poder muito mais voltado à produção de forças. A criação de campanhas de massificação esportiva, ao longo da década de 1970, foi, em certa medida, a expressão da ambição de promover corpos produtivos, úteis e sadios e, ao mesmo tempo, implantar uma nova mentalidade cívica.

Palavras-chave: Educação Física; políticas públicas; ditadura militar.

Abstract

In this article we seek to understand what role the sport massification policy in the 1970s had in a context marked by consensus and consent around the authoritarian regime. In this period nationalism was linked to the idea of building the future. Sports shows should express this desire to build and transform Brazil to affirm the national spirit desired by the dictatorship. From a moral and body pedagogy what is at work in the period in question is a type of power much more directed to the production of forces. The creation of sports massification campaigns throughout the 1970s was to some extent an expression of the ambition to promote productive, useful and healthy bodies and, at the same time, to implant a new civic mindset.

Keywords: Educación Física; políticas públicas; dictadura militar.

Resumen

En este artículo buscamos comprender qué papel tuvo la política de masificación deportiva en la década de 1970 en un contexto marcado por el consenso y el consentimiento en torno al régimen autoritario. En este período, el nacionalismo estaba vinculado a la idea de construir el futuro. Los espectáculos deportivos deben expresar este deseo de construir y transformar a Brasil para afirmar el espíritu nacional deseado por la dictadura. Desde una pedagogía moral y corporal, lo que funciona en el período en cuestión es un tipo de poder mucho más centrado en la producción de fuerzas. La creación de campañas de masificación deportiva a lo largo de la década de 1970 fue, en cierta

¹ Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora na rede municipal de ensino de Florianópolis, Santa Catarina.

² Doutora em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

³ Graduando em Educação Física pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

medida, una expresión de la ambición de promover cuerpos productivos, útiles y saludables y, al mismo tiempo, implantar una nueva mentalidad cívica.

Palabras clave: Educación Física; políticas públicas; dictadura militar.

Do corpo saudável aos imperativos moralizantes

Segundo Rollemberg e Quadrat (2010), embora exista uma ampla bibliografia sobre a última ditadura brasileira (1964-1985), pouco se pesquisou e escreveu no sentido de compreender as relações da sociedade com o regime inaugurado em 1964, afinal, esse processo não se limitou à mera resistência *versus* colaboração, ele foi muito mais complexo. Apontar que um governo autoritário desfrutou de certa popularidade não significa apoiar suas ideias e práticas, ao contrário, conhecê-las é o primeiro passo para transformá-las. Segundo a autora supracitada, são os valores e as referências, as culturas políticas que marcam as escolhas, sinalizando relações de identidade e consentimento, criando consensos, ainda que com o autoritarismo.

Assim, o regime inaugurado em 31 de março de 1964 contou com o apoio de vários setores da sociedade brasileira, inclusive uma parcela considerável teve seus anseios respondidos ou, pelo mesmo, explicitados pelas “Marchas da Família com Deus pela Liberdade”. A propaganda da “Marcha” buscava a adesão da população usando valores como o amor à pátria, o respeito à democracia, o repúdio ao comunismo ateu e antinacional, a defesa da família e das liberdades políticas.

No pós - 1964 tais manifestações pretendiam demonstrar o caráter popular do golpe, comemorando a vitória da “ação de graças” pelo afastamento do comunismo de terras brasileiras. Entretanto, os grupos que optaram pela luta armada contra a ditadura não obtiveram o respaldo social necessário. Mas, isso não significa dizer que não houve resistência, portanto, é preciso compreender também como os consensos foram criados, ou seja, como as acomodações de interesses fizeram-se em regimes autoritários.

Assim, neste artigo, busca-se entender qual o papel que a política de massificação do esporte nos anos 1970 teve num contexto marcado pelo consenso e pelo consentimento em torno do regime autoritário. Para Rollemberg e Quadrat (2010), se a resistência e a memória da resistência sempre identificaram as ditaduras à tirania, não

raramente, estas foram reivindicadas como salvadoras da própria democracia, dos valores nacionais e sociais, o fio condutor da transformação da sociedade.

Neste período, o nacionalismo estava ligado à ideia de *construção do futuro*. Era o nacionalismo do Milagre econômico e da seleção brasileira de futebol destaque internacional pela campanha vitoriosa no mundial. Os espetáculos esportivos deveriam expressar essa vontade de construir e transformar o Brasil para afirmar o espírito nacional desejado pela ditadura. Nesse sentido, uma política nacional para a Educação Física e desporto era fundamental, na medida em que atingia, simultaneamente, grupos sociais dentro e fora da escola. Os programas de massificação esportiva desenvolvidos expressavam as preocupações com o futuro, segundo as quais o Brasil moderno, seria uma grande potência olímpica que estava em processo de construção. Assim, disseminava-se a ideia de que o Brasil do futuro seria uma nação que foi preparada e se desenvolveu, efetivamente, em todos os setores.

Educação Física e a formação da consciência cívica

Em 1971, o Decreto n.º 69.450 vai estabelecer uma nova orientação e funcionamento para a Educação Física. De acordo com o referido decreto, o objetivo maior da Educação Física seria se relacionar com a “sistemática da Educação Nacional despertando, desenvolvendo e aprimorando forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando”⁴ e ainda,

1º A aptidão física constitui a referência fundamental para orientar o planejamento, controle e avaliação da educação física, desportiva e recreativa, no nível dos estabelecimentos de ensino. 2º A partir da quinta série de escolarização, deverá ser incluída na programação de atividades a iniciação desportiva.⁵

Tendo como referência a aptidão física dos educandos, os objetivos básicos da Educação Física deveriam ser:

⁴Senado Federal subsecretaria de informações. Decreto N° 69.450- de 1 de novembro de 1971.

⁵ Senado Federal subsecretaria de informações. Decreto N° 69.450, artigo 3º. 1 de novembro de 1971.

A consolidação de hábitos higiênicos; o desenvolvimento corporal e mental harmônico; melhoria da aptidão física; o despertar do espírito comunitário, da criatividade e do senso moral e cívico; a formação integral da personalidade; o aprimoramento e aproveitamento integrado e toda a potencialidade física, moral e psíquica do indivíduo; o emprego útil do tempo de lazer; a perfeita sociabilidade; a conservação da saúde; a aquisição de novas habilidades; o estímulo às tendências de lideranças; a implantação de hábitos sadios.⁶

Ligadas a uma noção de higiene moral e do corpo, as práticas esportivas se integravam ao desejo de harmonização social e de integração nacional, tanto é que, na década de 1970, o Conselho Federal de Educação estabelecia que a Educação Física deveria atender a dois objetivos:

1º. Cultura física individual, em que se estimule o desenvolvimento harmonioso dos órgãos e funções, de modo que se alcance o máximo de eficiência e resistência orgânica; 2º. Educação social pela aquisição de senso de ordem e disciplina, através de exercícios e competições desportivas.⁷

A partir de uma pedagogia moral e do corpo, tais agenciamentos tinham como propósito canalizar as energias para evitar os possíveis sobressaltos provocados pelas mudanças sociais e, nesse sentido, a crítica em torno dos usos do tempo livre ocorreu em detrimento às formas de conceber e organizar o lazer neste período. Entretanto, os programas de lazer desenvolvidos neste período que associavam a atividade esportiva aos preceitos de uma vida saudável não eram mero instrumento ideológico para dominação social.

Segundo Sant'Anna (1994, p.66), o que está em exercício é um tipo de poder muito mais voltado à produção de forças para ao mesmo tempo ordená-las de acordo com os interesses governamentais, do que um tipo de poder que engana e massifica; ou seja, o lugar do ideológico não é a questão a ser feita a essa tecnologia de poder, mas, principalmente, sobre o regime econômico, político e institucional de produção da verdade. “O sistema capitalista é produtor não somente de ideologias, como de verdades que funcionam articulando mais adequadamente os homens ao universo produtivo.”

⁶ Idem.

⁷ Idem.

Em 1970, o coronel Jayr Jordão Ramos, em um artigo escrito para a revista brasileira de educação física e desportiva, anunciava:

Em todo o mundo, com grande interesse, está sendo estimulada a educação física do trabalhador, tendo em vista diminuir a fadiga profissional, compensar os efeitos nocivos do trabalho, prevenir acidentes, ajudar a aprendizagem de ofícios, aumentar a produtividade e preencher as horas de lazer. Este último aspecto, já realidade em muitos países objetiva recrear e melhorar as condições de saúde do trabalhador e de sua família (...) se não considerados no presente momento, constituirão, em futuro próximo, sério problema social de grande complexidade e difícil solução. As horas de lazer, quando mal aproveitadas, são grandes inimigas do trabalhador (Ramos, 1970, p.19).

As ações cívicas também eram prestigiadas por membros do Conselho Federal de Educação. Gilberto Freire e Raymundo Moniz de Aragão, entusiasmados com a Olimpíada do Exército realizada em Recife em 1972, afirmavam que “os jogos não eram apenas militares, mas nacionais; afinal, deles participavam os moços chamados a servir honrosamente à sua pátria”.⁸

Para Oliveira (2009), na década de 1970, o debate em torno das políticas públicas para a Educação Física e o desporto no Brasil expressa certa necessidade de afirmação do país e sua brasilidade em um mundo marcadamente "nacionalista" no qual a autoestima de uma nação passava, naquele contexto, pela afirmação do seu espírito na arena esportiva.

Recreação esportiva e integração nacional

O regime militar por meio da Estratégia Psicossocial⁹, inscrita na Doutrina de Segurança Nacional (DSN), investia na interação das diversas instituições sociais como escola, família, igreja e forças armadas de acordo com os objetivos políticos do regime, pois,

⁸ Conselho Federal de Cultura. Boletim do Conselho Federal de Cultura. Rio de Janeiro: MEC, ano II, n. 10, abril-junho, 1973. Apud. Tatyana de Amaral Maia. Os Cardeais da Cultura Nacional. O Conselho Federal de Cultura na Ditadura Civil-militar, p, 187.

⁹ Segundo Maria José Rezende esse era um termo utilizado pelos militares para designar a sua estratégia de atuação sobre a mentalidade de todos os indivíduos, visando alcançar o maior grau possível de internalização dos valores que deveriam ser, segundo eles, norteadores de todas as ações nas diversas esferas da vida social. Op. Cit. P, 17.

segundo os militares, os valores ligados à família, à religião, à pátria, à ordem e à disciplina eram socialmente fundantes da ordem político- cultural brasileira.

Em seu discurso, proferido em 30 de outubro de 1969, o presidente Médici afirmava:

Homem de família, creio num diálogo entre as gerações e as classes, creio na participação. Homem do povo, creio no homem e no povo, como nossa potencialidade maior, e sinto que o desenvolvimento é uma atitude coletiva, que requer a mobilização total da opinião pública. Creio no poder fecundante da liberdade. Convoco a vontade coletiva, a participação de todos os que acreditam na compatibilidade da democracia com a luta pelo desenvolvimento (Médici, 1970, p.102).

Desse modo, se “o desenvolvimento é uma atitude coletiva, que requer a mobilização total da opinião pública”, segundo o discurso do presidente Médici, a resposta das diversas instituições sociais sobre desenvolvimento e democracia deveria expressar o processo de busca de internalização dos valores da ditadura.

Em 1972 a professora Ethel Bauzer Medeiros destacava a importância da recreação esportiva como *força de integração nacional* diante das inevitáveis transformações vivenciadas pela sociedade moderna:

A sociedade moderna aguçou a consciência da necessidade da recreação. O novo sistema de trabalho, em que tarefas foram muito subdivididas, para que as máquinas pudessem executar o que deu origem a uma especialização sempre maior de funções, tirou o homem à alegria de criar... Precisa, então, buscar nas horas livres ocasião para criar e se afirmar como pessoa, que tem emoções e sentimentos próprios (MEDEIROS, 1972, p. 14).

E ainda,

A recreação como força de integração nacional, também nos países como o nosso, em franco e acelerado crescimento, vemos a modificação brusca dos costumes e a perda da força das tradições. É preciso que se atente para o prejuízo dessa diluição das tradições. Festas juninas vão desaparecendo, só se mantendo a custa de esforço intencional de administradores. Festejos como os de Natal e da Páscoa perdem o seu sabor de elemento de ligação entre os homens, para se tornarem promoções comerciais. Pouco se dá atenção a família durante o ano, mas se compra um presente para a mãe ou o filho no dia das mães ou da criança (MÉDICI, 1970, p. 102).

O papel da educação, em todos os níveis, incluindo a Educação Física, deveria ser a construção de uma consciência cívica associada ao valor da tradição, entretanto, esse processo de conscientização cívica pressupunha a participação ativa do indivíduo

na condução dos destinos da nação, atribuindo-lhe, como dever máximo, a defesa dos valores superiores diante das ameaças provocadas pelas mudanças sociais.

A valorização das tradições só seria eficaz quando elaboradas ações capazes de naturalizá-las, portanto, para se contrapor a essa “força ameaçadora”, ou seja, a perda das tradições, “a recreação planejada e a educação sistemática para o bom uso do lazer” eram fundamentais.

Iniciada desde cedo e feita vida afora, por pessoal habilitado, ela serviria como elemento de integração do homem na consciência nacional. Parte do potencial afetivo do prazer da atividade livre seria utilizada, como se viu na conquista da taça Jules Rimet, nesse sentido de filiação do homem à sua família maior. Em vez do anonimato, da insipidez da luta pela vida, o orgulho de sentir-se afetivamente ligado a acontecimentos e celebrações coletivas prazerosas (MÉDICI, 1970, p. 16).

Assim, tanto a recreação como o “bom” uso do tempo livre estavam integradas, ou pelo menos deveriam estar, à noção de civismo, que se tornou uma ideia-força na ditadura civil-militar, apesar desta noção estar presente no pensamento social brasileiro desde o início da República. A professora Ethel Bauzer Medeiros em seu texto não só sintetizou as “ideias-força” do governo (a tradição, o desenvolvimento, a modernidade e a integração nacional), como tentou levar a recreação através da Educação Física sistematizada a tornar-se um centro de ressonância e amplificação dessa vontade de desenvolvimento.

Sob esse aspecto, o lazer esportivo era utilizado com fins higienistas, a sua ação tinha como finalidade a reabilitação emocional, pois “o orgulho de sentir-se afetivamente ligado a acontecimentos e celebrações coletivas prazerosas” pertence a um mesmo processo, não linear, o de construção das representações geradoras do sentimento de pertencimento a uma mesma nação que constitui o ideário nacionalista.

Desde o início do século XX, o nacionalismo em suas muitas leituras e usos foi a mola propulsora que permitiu a muitos intelectuais brasileiros forjar a cultura brasileira e a identidade nacional. O suposto ideário de democracia que o regime pós 1964 tentava construir tinha como um de seus principais objetivos moldar as instituições sociais ao modelo das instituições militares. E nesse sentido, as instituições sociais deveriam estar em consonância com seus propósitos para buscar a adesão de seus membros, o senso patriótico de aceitação das prerrogativas do regime em torno da democracia (REZENDE, 2013).

Segundo Valter Bracht (1997), a instituição militar teve forte influência na trajetória da Educação Física brasileira e muitos de seus intelectuais foram influenciados nas décadas de 1920 a 1950 pelo movimento escolanovista e pensaram a educação e a Educação Física com base nos princípios dessa teoria pedagógica. Assim, eram companheiros de uma longa trajetória no campo político e intelectual iniciada na primeira metade do século XX.

Portanto, esses intelectuais fazem parte de uma geração que construiu suas experiências através da organização de grupos bem articulados no interior do Estado como estratégia de intervenção nos debates políticos e culturais do país e na crença no papel da tradição como valor da modernidade. Nesse contexto, intelectual era o “homem de pensamento e ação” capaz de tratar de diversos assuntos e problemas sociais, ou seja, um agente político que intervém por meio da participação no Estado nos rumos da Nação.

Nesse sentido, os posicionamentos políticos de muitos intelectuais ligados a Educação Física na década de 1970 estavam alicerçados em matrizes ideológicas como o otimismo e o nacionalismo. A busca pela “consciência nacional” revela a necessidade de incorporação da população ao “Projeto Brasil, Grande Potência.” Desta forma, a crença no papel do Estado para a organização e o desenvolvimento do país estava associada à ideia de que só por meio das instituições governamentais seria possível interferir nos rumos da sociedade.

Em 1972, o editorial da revista Brasileira de Educação Física e desportiva sublinhava,

Há vinte e cinco anos, o desporto era um privilégio de poucos; estávamos em 1946, quando o recrutamento para serviço militar passou a ser executado em moldes mais racionais, ganhando terreno a Educação Física. Mas os jovens de então eram uma parcela diminuta, e hoje contam 50 de idade, em média, o que lhes dá a possibilidade de terem filhos de 20 a 25 anos de idade, exatamente a idade de um atleta, e nem sempre o exemplo frutificou. Hoje temos 60% de jovens em nosso país, aos quais devemos dedicar todo nosso trabalho. Portanto nossa responsabilidade é bem maior (SOUZA, 1973, p. 5-6).

Em 1973, o professor Ovídio Silveira Souza, na revista Brasileira de Educação Física e desportiva, destacava a importância do Diagnóstico de Educação Física/Desporto para elaboração de projetos e campanhas esclarecedoras que elevassem o “nível da aptidão física” da população brasileira:

Essa publicação, embora, como é natural, possa conter falhas, constitui, por assim dizer, a única radiografia de uma estrutura que

vinha se eternizando entre nós, desde nossa organização política imperial. São treze os seus capítulos, mas fixemo-nos, de preferência, no de número onze- NÍVEL DE APTIDÃO FÍSICA- por ser o que se ajusta perfeitamente aos nossos propósitos. Logo de entrada deixa-nos estarecidos com apenas a amostragem considerada do índice de incapacidade física de nossa juventude verificado quando dos trabalhos de seleção para prestação do serviço militar no Exército. Em sua página 315, figuram estas palavras... ‘ nos três anos considerados -1967- 1968 e 1969- os incapacitados constituem a maioria absoluta em todas as regiões do país (SOUZA, 1973, p. 12).

Assim, para os elaboradores dos programas esportivos, o uso dos conhecimentos e as práticas da Educação Física teriam não apenas a missão de elevar a aptidão física da população brasileira como melhorar a representatividade do país em eventos esportivos, pois, a classificação geral do Brasil nas Olimpíadas de Munique em 1972 (41º colocação) foi considerada insignificante para um País que apostava na massificação esportiva e consequente engrandecimento da nação.

As ideias-forças dos programas esportivos

Nessa perspectiva, atuar no âmbito subjetivo era essencial no processo de manutenção dos programas esportivos, uma vez que garantia as condições psicossociais da segurança nacional¹⁰. A tarefa dos programas esportivos para a população não seria apenas encontrar possíveis atletas de alto rendimento, mas, especialmente, compensar os “efeitos maléficos comuns à vida das grandes cidades” e, para isso, era preciso “disciplinar o avanço urbano, separando, antes da ocupação desordenada e impensada do espaço, áreas livres e protegendo belezas naturais.” E ainda:

¹⁰ De acordo com o Manual Básico da Escola Superior de Guerra, as informações no campo psicossocial estudam o homem e a sociedade, com vistas a determinar suas características, peculiaridades e vulnerabilidades, para daí inferir o valor atual e futuro dessa expressão do poder. As informações sobre o campo psicossocial do próprio País ganham realce, em nível estratégico, quando aspectos dessa expressão tomam o caráter de antagonismo ou pressão. Todavia, nos dias de hoje, pela presença sempre atuante do Movimento Comunista Internacional – MCI, de natureza predominantemente psicológica, é, sem dúvida, no campo interno, a expressão do Poder que maiores preocupações inspiram aos órgãos de informação. Os fundamentos e fatores da expressão psicossocial devidamente analisados e interpretados ensejam o conhecimento da realidade social de um determinado país e proporcionarão subsídios para a tomada de decisões adequadas, especialmente no campo das relações diplomáticas, em tempo de paz, ou em emprego da arma psicológica, quando julgada conveniente, em particular nas situações de beligerância. (1976, p, 545).

Criação e desenvolvimento da infra-estrutura material necessária à prática satisfatória de vários tipos de atividade recreativa (E não só jogos e esportes)- como jardins, balneários, teatros, concha acústica, bibliotecas, casa de cultura da comunidade (como se planeja no Amazonas e já se faz muito bem na França) (MEDEIROS, 1972, p. 16).

Mas, para o professor Alfredo Colombo, a liderança comunitária era fundamental na implantação de programas de recreação para que:

Possam sensibilizar a comunidade, convencendo-a de que cabe a ela o estudo, o encaminhamento, a solução do problema. Nesse particular grande reforço poderíamos alcançar com a colaboração dos professores de Educação Física, que, entretanto, deveriam ser preparados para tal (COLOMBO, 1972, p. 18).

Sob esse aspecto, era preciso investir o professor de Educação Física de “sentimento místico para derrubar os obstáculos e conquistar a felicidade”. E nesse sentido, visando dissipar as tensões, a Associação Brasileira de Recreação (ABDR) em 1972 recomendava:

É preciso estar dominado por uma idéia vigorosa, ser tenaz, cerrar os dentes, agüentar firme, pois que, mesmo entre aqueles que não se entusiasmam com as nossas idéias, existem sempre homens dispostos a se unirem a nós, desde que conheçam os nossos verdadeiros sentimentos (COLOMBO, 1972, p. 18).

Nos anos de 1974 e 1975, a Secretaria de Esporte do Município de São Paulo lançou grandes promoções esportivas e culturais que ocupavam geralmente uma via central da cidade. No caso de São Paulo, os eventos esportivos eram organizados a partir de uma determinada atividade (passeios a pé e de bicicletas, ruas de lazer, concursos de patins e pandorga) num único dia e cerca de 150 mil pessoas participavam dessas promoções. Nesse mesmo período, com o objetivo de incentivar a população brasileira à prática de esportes e exercícios físicos, a rede Globo de televisão lançou a campanha Mexa-se. A referida campanha tinha como slogan a ideia-força “movimente-se” para que cada pessoa, a sua maneira, realizasse atividades corporais.

Mas, apesar do sucesso midiático com algumas incursões nos intervalos comerciais dos programas exibidos na época, a campanha Mexa-se não foi considerada eficiente, pois, segundo o professor Costa (1983, p. 2-3), organizador de diversas campanhas esportivas nas décadas de 1970-80, a televisão “essencialmente predispõe o expectador, não sendo garantida a mudança de hábitos.” Segundo os idealizadores dos programas esportivos do governo, faltava ao “Mexa-se” os “agentes de mudanças”, ou seja, professores

de Educação Física, voluntários esportivos, grupos de pessoas que dessem sentido de motivação e de informação às atividades esportivas.

A difusão de *slogans* ou *símbolos* nas campanhas do governo era uma orientação prevista no manual da Escola Superior de Guerra (ESG), como “por exemplo, para a ideia-força: *desenvolvimento: Ninguém segura este país e Este é um país que vai para frente*”¹¹ foram dois de tantos *slogans* criados pela Assessoria Especial de Relações Públicas do governo (Aerp).



Campanha Esporte para Todos- São Paulo, 1977.

Assim, na segunda metade da década de 1970, quando o país passava por uma grave crise econômica e um processo de distensão política, o anúncio esportivo produzido pela agência *Publician* de São Paulo trabalhou com a memória do “milagre econômico brasileiro” como ponto de apoio na busca de adesão para as atividades esportivas. Ou seja, a propaganda dos programas esportivos no Brasil dos anos de 1970 está longe de se constituir em objeto politicamente neutro, permitindo, assim, a realização de diversas aproximações entre a nação e seus representantes. Para Vigarello (2008), tal fenômeno acontece porque o esporte no século XX passa a ser um suporte que atrai mensagens ou

¹¹ Operações psicológicas. Manual Básico. Escola Superior de Guerra. p, 319, 1975.

propagandas devido a sua permeabilidade acentuada para o político, mesmo que, a princípio, certo “apoliticismo” esportivo insistia em resistir.

No início da década de 1970, a revista Brasileira de Educação Física publicou um artigo de Arlindo Lopes Correa, secretário executivo do Centro Nacional de Recursos Humanos (CNRH) sobre esporte e desenvolvimento:

Há indícios seguros de que o papel do esporte na formação e desenvolvimento do homem, bem como sua influência sobre a sociedade contemporânea ainda não foram percebidos claramente por parcelas relevantes das camadas dirigentes de inúmeros países, entre os quais se inclui o Brasil (CORREA, 1970, p. 3).

E, sobre a relevância social do esporte, afirmava:

[t] rata-se de um fator de integração nacional e de solidariedade internacional; possui significado econômico, especialmente para os agentes intermediários-criando empregos e promovendo o turismo nacional e internacional; é um fator de prestígio político (CORREA, 1970, p. 3).

O manual da Escola Superior de Guerra assinalava que era preciso obter o apoio popular para “levar a cabo grandes empreendimentos, e no caso de com ele não se contar, as perspectivas de êxito serão pequenas”,¹² portanto, para mobilizar a população em torno de um grande evento, era preciso desenvolver uma ideia-força:

Cada manobra psicológica deve corresponder uma idéia-força (idéia- apelo), como elemento capaz de influenciar e mesmo persuadir o público alvo no sentido do cumprimento da missão psicológica. Nasce de um acurado estudo do público-alvo, tendo em vista atender as suas motivações. São motivações: as crenças, as superstições, as atitudes e opiniões, os ressentimentos, as contradições, os desejos e aspirações, o estado de espírito atual, as tradições, as suas tendências, etc.¹³

É importante sublinhar que o manual da Escola Superior de Guerra incorporou as análises antropológicas de Gilberto Freire sobre a formação da sociedade brasileira. De acordo com o item “Atributos do Caráter Nacional Brasileiro”, os traços mais evidentes do “povo brasileiro” era a “cordialidade”:

¹² Manual Básico da Escola Superior de Guerra, p, 548, 1976.

¹³ Operações psicológicas. Manual Básico. Escola Superior de Guerra. p, 318, 1975.

Síntese de qualidades positivas que representam, talvez, os traços mais generalizados do brasileiro. São eles produtos genuínos da própria terra brasileira, acolhedora, amiga, humana. Por outro lado, as imensas distâncias, a falta de comunicação e o isolamento predispunham à hospitalidade, embora eivada, às vezes, de desconfiança.¹⁴

E ainda,

Estes sentimentos apuram-se com a formação cristã do povo e com a fusão de raças, especialmente pela contribuição do negro, que, segundo Gilberto Freire, deu-nos a revelação de uma bondade maior que a dos brancos, de uma ternura como não a conhecem igual os cristãos. Daí a sensibilidade ao sofrimento alheio, a facilidade em esquecer e perdoar, a indulgência nas repressões, a eliminação das distancias sociais e conseqüente abolição das distinções de classe e raças, e de todo um elenco de manifestações afetivas.¹⁵

Assim, a valorização da *fusão de raças*, a partir da leitura de Gilberto Freire, permitia a construção de um discurso otimista sobre o Brasil. As imensas distâncias que poderiam acarretar numa dificuldade de comunicação e o pluralismo regional que definia a sociedade brasileira não era excludente nem causava rupturas, ao contrário, de acordo com os defensores dessa visão sobre a identidade brasileira, “irmanava” as mais diferentes regiões do país, edificando a nação. Conforme Carlos Fico (1997), o governo militar buscou uma imagem sobre o Brasil que vislumbrasse na longa duração aspectos promotores de “esperança e otimismo”.

Gilberto Freire foi destaque da revista *Veja* em 1972; em seu artigo, o sociólogo exigia “gentilmente” de “ministros e autoridades em geral” que sua importância intelectual fosse reconhecida e afirmava que nutria simpatia pela Aliança Renovadora Nacional (Arena), afinal apoiava o governo. Destacou, ainda, que “o presidente Emílio Garrastazu Médici está conduzindo os destinos do país com arrojo e dignidade.”¹⁶ Logo após o golpe de 1964, o regime investiu seus esforços para colocar em funcionamento instrumentos e técnicas de ação indicadas pela Escola Superior de Guerra (ESG), sendo assim, a família, a escola, as associações de pais e professores, a imprensa, o rádio, a televisão deveriam ter suas ações

¹⁴ Atributos do Caráter Nacional. Manual Básico. Escola Superior de Guerra. p, 46, 1975.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Revista *Veja*. O fiel do poder Moderador. P, 45, junho de 1972.

e convicções voltadas para a construção da ordem, harmonia, solidariedade, coesão e integração nacional (REZENDE, 2013).

Para a historiadora Rezende (2013), a tarefa dos setores dirigentes no governo Médici tornar-se-ia cada vez mais fácil à medida que os objetivos e desígnios da ditadura fossem internalizados pela maioria da população brasileira, a qual deveria passar a acreditar de maneira absoluta que a liberdade não poderia ultrapassar os limites traçados pelos seus condutores, pois ela poderia conduzir a sociedade a uma verdadeira barbárie.

Segundo Ortiz (1988), o que constitui a base de raciocínio do pensamento militar em relação à sociedade é a Ideologia da Segurança Nacional. Para o autor o Estado era percebido como o *centro nevrálgico* de todas as atividades sociais relevantes em termos políticos, daí uma preocupação constante com a questão da *integração nacional*. Ainda, segundo Renato Ortiz, o que a Ideologia de Segurança Nacional se propunha era substituir o papel que as religiões desempenhavam nas *sociedades tradicionais*. De acordo como o autor, nessas sociedades, o universo religioso unia organicamente os diferentes níveis sociais, gerando uma solidariedade entre as partes, para assegurar a realização de determinados objetivos (ORTIZ, 1988).

O discurso do presidente Médici, em 1970, pronunciado em São Paulo nas comemorações do aniversário da cidade é salutar nesse sentido:

Solidariedade também é juntar-se às paixões da alma popular. E, nas asas dessa paixão, meu governo se empenhou para que trouxéssemos o México à platéia de todos os lares do Brasil. (...) aqui venho para chamar o povo para que não me falte com a sua participação nos momentos todos de meu governo. Venho chamá-lo para a construção de uma paz dinâmica, que, ainda uma vez mais na História, bandeira partida de São Paulo, nos leve, a todas as terras brasileiras, agora aos chãos do desenvolvimento. Chamá-lo para a violência edificadora, do idealismo são e puramente brasileiro. Aqui me tenho para pedir ao povo sua confiança, sua solidariedade, sua compreensão, sua maior produtividade (MÉDICI, 1970, n.p).

Neste contexto, as campanhas esportivas produzidas na década de 1970 giravam em torno de ideias- forças como *solidariedade* no sentido de coesão, *espírito comunitário* para alcançar os objetivos nacionais. Neste período, o esporte vai ganhar caráter democrático e festivo, devendo despertar nas pessoas novos hábitos. A campanha promovida em 1975 pela Secretaria Municipal de Esportes de São Paulo *ginástica para todos* anunciava: “pegue seu tênis, calção, agasalho, e ainda uma toalha grande ou esteira e esteja pronto

para fortalecer o seu físico e suas amizades.”¹⁷ Mas, a mensagem deveria ser, sobretudo, “humorística, mobilizadora e ao mesmo tempo informativa” (COSTA, 1981, p. 196).



Passeio de bicicleta. Folheto da Campanha Esporte para Todos de 1978¹⁸

O esporte passou a rimar com saúde, elegância e bons hábitos, transmitindo o ideal ou mais uma *corrente prá frente*. Para José Carlos Reis, a leitura otimista no pensamento social brasileiro não foi exclusividade do regime militar, durante o primeiro governo Vargas (1930-1964), a chamada identidade brasileira seria amplamente redefinida do ponto de vista governamental. Assim, elementos utilizados na propaganda política do governo pós 1964 como, por exemplo: valorização do trabalho, certa ideia de nação baseada nos princípios de coesão e cooperação, segundo o autor, são matizes ideológicas do Estado Novo e foram ressignificadas na ditadura militar em 1964 (REIS, 2006).

Seguindo as orientações da Federação Internacional de Educação Física, o governo atuava junto às esferas culturais incentivando a criação de novas instituições e iniciando todo um processo de gestação de uma política de cultura esportiva no país. E, nesse

¹⁷ Revista de Desporto Ano II nº 17, setembro de 1977, p. 07.

¹⁸ Revista de Desporto Ano II nº 17, setembro de 1977, p. 07.

sentido, a formação profissional era uma questão importante e mereceu destaque no Manifesto Mundial de Educação Física da Federação Internacional de Educação Física:

É preciso também formar alma de educadores: criar a fé e o entusiasmo pela obra a realizar, desenvolver as qualidades essenciais do pedagogo: amor aos alunos, dedicação, respeito humano etc. Os educadores físicos devem manter-se e permanecer o maior tempo possível- como exemplos de boa condição física e espírito desportivo (MANIFESTO, 1971, p. 9-17).

De acordo com o governo federal, o professor de Educação Física também era considerado elemento primordial para as mudanças no setor educacional. Entretanto, o mesmo deveria seguir a tendência internacional do período, pois esperava-se que ele levasse as mudanças da Educação Física para toda a sociedade e, especialmente, para o interior da escola. Segundo Maria José de Rezende, a educação, sob todos os aspectos, tinha que ser estruturada de forma que ela fosse capaz de criar condições para legitimar o regime e, nesse sentido, era preciso ajustar as novas gerações aos valores concebidos como essenciais pela nova ordem social (REZENDE, 2013).

As vitórias no esporte: a grande inspiração

Segundo o historiador Fraga (2014), a utilização política das conquistas esportivas pelo Estado é fruto da percepção de que a mobilização popular em torno das competições internacionais e os momentos de euforia pelas conquistas são momentos de constituição – e especial visibilidade – da identidade nacional. Associando esporte ao desenvolvimento econômico, o governo Médici vai, de fato, tratá-lo como questão de Estado. Em 1970 o engenheiro e economista Arlindo Lopes Correa, que tinha participação ativa no governo, publicou um artigo na revista brasileira de Educação Física destacando o papel do esporte no desenvolvimento econômico de uma nação, pois, segundo ele, era “preciso apontar novos rumos para essa atividade no país e fazer dele o que ele, potencial e intrinsecamente, já é: um instrumento de aperfeiçoamento individual e social.” (CORREA, 1970, p. 4).

Sob essa perspectiva, o governo Médici vai definir como meta prioritária de seu governo “a valorização do homem brasileiro e sua integração no esforço nacional do desenvolvimento”:

Pretendo estimular, ao máximo, a participação da juventude na vida do País, como já tenho dado provas ao chamar gente moça para postos de responsabilidade. Nesse sentido, cuidarei de iniciativas já consagradas, como os Projetos Rondon e Mauá, e tudo farei para apoiar os anseios de afirmação cultural dos jovens e a criação de oportunidades para a realização total de sua personalidade, *até mesmo no esporte, sob a inspiração das alegrias do povo nas memoráveis vitórias que marcaram este ano* (MÉDICI, 1970, n.p).

Orientada para as metas de segurança e desenvolvimento, o sistema de comunicação do governo Médici consolidou uma forma de resgatar o diálogo entre Estado e sociedade para a formação de uma *nova consciência de brasilidade*. A noção de “civismo” vai se sobrepôr a ideia de cidadania, amputando alguns de seus direitos fundamentais em nome da preservação da nação ameaçada pela presença constante do inimigo- a ameaça comunista. Ratificava-se a manutenção da ordem pela coerção de adversários políticos e a perseguição aos “subversivos”. Mas, paralelo ao aparelho de repressão e censura, o governo vai criar e financiar importantes setores na construção de imagens ufanistas que, incorporadas ao imaginário social, deveriam legitimar o regime autoritário.¹⁹

Em sua mensagem enviada ao Congresso Nacional em 1970, o presidente Médici destacou alguns princípios na utilização dos meios de comunicação:

Estarei sempre presente à casa de cada um, para dizer a todos a verdade, somente a verdade. Não farei promoção pessoal, nem permitirei que a façam à minha sombra. A Comunicação Social do meu governo visa informar e formar, a divulgar e a educar. Usarei os instrumentos a meu alcance para chamamento de todos à coesão, ao respeito à lei, à produtividade, à união e à esperança (MÉDICI, 1970, p.79).

Para Fico (1997), a singularidade desse tipo de propaganda política está no fato de parecer “despolitizado”. E, segundo o autor, a dimensão técnica dessa despolitização estaria presente na persistência da estratégia orientada para a despolitização do conteúdo das informações de origem governamental. Entretanto, destaca que não houve apenas uma “*tecnização da política*, mas também uma *espiritualização da propaganda*, ou seja, a abordagem dos temas aparentemente inócuos dos *sentimentos nobres* e dos *valores brasileiros* era a forma possível de propaganda política naquele momento.”

¹⁹ Maya, Tatiana.

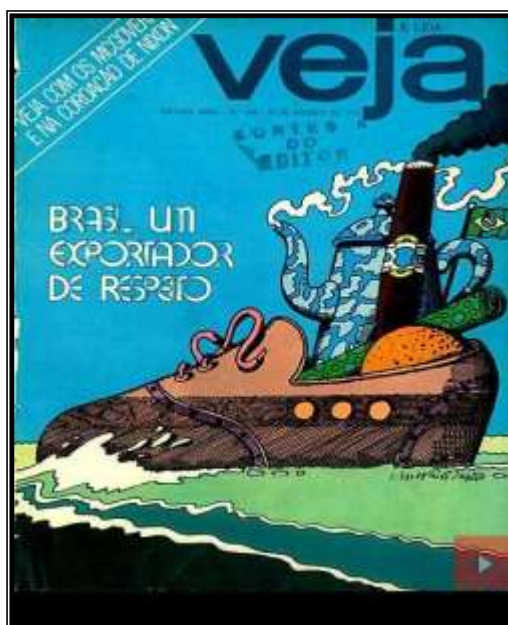


Campanha Nacional de esclarecimento desportivo²⁰

Assim, a propaganda esportiva do ministério da Educação e Cultura (MEC), sob a coordenação da Aerp, tinha forte teor otimista e buscava abrir canais de comunicação entre governantes e governados como meio de obter a legitimação do sistema político para execução dos projetos do governo: desenvolvimento econômico e a concretização do projeto Brasil potência mundial.

Entretanto, é importante destacar que o modelo Aerp de publicidade inspirou alguns dos principais órgãos de imprensa do país. A capa da revista *Veja* de 30 de agosto de 1972 expressava com entusiasmo o crescimento das exportações brasileiras, ou seja, a “pátria de chuteiras” rumo à “conquista” de novos mercados.

²⁰ Revista brasileira de educação Física e desportiva. Ano 4, nº 12, 1973.



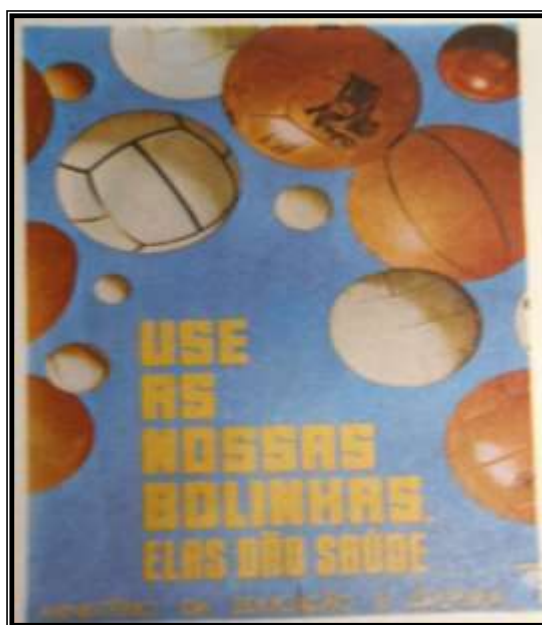
Revista Veja 30 de agosto de 1972.²¹

As peças publicitárias se baseavam em um imaginário preexistente na sociedade brasileira na década de 1970. A revista *Veja* noticiava “Yes, nós não temos apenas bananas”, afinal, tratava-se de mostrar a capacidade de realização da “pátria de chuteiras”, pois, acontecia, em São Paulo, a Feira Internacional de Exportação a “Brasil export 72” e, segundo a referida revista, o evento era uma oportunidade de rompermos com a imagem “do país do exótico.”

É exatamente isso que o governo deseja com a feira: mostrar aos compradores estrangeiros, tradicionais ou não, que a indústria brasileira tem capacidade de competir no mercado internacional com produtos que há alguns anos o Brasil ainda comprava no exterior. Por isso, foi feita uma campanha de propaganda nos principais jornais e revistas dos maiores mercados consumidores. Um dos anúncios atinge os preconceitos dos importadores com precisa ironia. ‘Sim nós temos bananas’, diz o título, enquanto as ilustrações mostram os veículos, sapatos, máquinas diversas e nenhuma banana (*VEJA*, 1972, p. 70).

²¹Revista *Veja*. Nº 208, 30 de agosto de 1972.

Disponível: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>. Acesso: 29/05/2014.



Campanha Nacional de Esclarecimento Desportivo²³

Assim, se o “milagre brasileiro” era a ideia-força que se apresentava como evidência do sucesso da política econômica anunciado pelas obras grandiosas de infraestrutura em construção (FICO, 1997), o campo esportivo transformou-se em objeto de interesse político ao mobilizar a atenção popular e contribuir para a articulação de identidades, além de desencadear manifestações que valorizam o sentimento de pertencimento e orgulho nacionais.

Alguns meses após a conquista do tricampeonato mundial de futebol no México em 1970, o Instituto Brasileiro de Opinião e Pesquisas (IBOP) realizou uma pesquisa para verificar se a vitória da seleção teve algum impacto nos hábitos cotidianos dos brasileiros. E para surpresa: 70% dos entrevistados disseram que “não teve qualquer influência. No entanto, 59% responderam que, desde então, sentiam mais orgulho de serem brasileiros e 47% disseram-se mais otimista com relação ao Brasil.” (Apud. Cordeiro, 2012).

Assim, o regime militar procurava associar o momento favorável vivenciado em diversos setores e inclusive a vitória do Brasil na Copa do Mundo de Futebol no México às

²³ Revista brasileira de educação Física e desportiva. Ano 4, nº 12, 1973.

ações governamentais. A atmosfera ufanista foi alimentada pela propaganda política para a construção de uma imagem de Brasil em acelerado crescimento econômico.

O Brasil precisa de você em forma

Em 1970, ao completar seu primeiro ano de governo, o presidente Médici, enviou à nação em rede nacional de rádio e televisão uma mensagem especialmente *esperançosa*. Buscava sensibilizar e mobilizar a população para participar nos próximos anos do esforço nacional de desenvolvimento.

HOMENS e mulheres de meu País.

Esta noite do milagre da renovação do tempo e da esperança, antes de ser a hora de mergulhar no mistério do futuro, é a hora da consciência de cada um de nós rever a cena que passou, medir a sorte que nos toca e julgar o que fizemos dos nossos dias. Querendo que se tenha o Brasil no pensamento, nesta hora de votos e vaticínios, venho à casa de todo brasileiro, para que, juntos, possamos também pensar no que fizemos todos os dias de nosso país (MÉDICI, 1970, n.p).

Tal mensagem despertava e insuflava diversas emoções e a produção desse discurso comovente se constituía numa eficiente rede de legitimação do governo autoritário.

No quadro dessa mudança e passados os dois tempos essenciais- de salvação nacional e de retomada do progresso em bases estáveis — começamos a viver, em 1970, o tempo de harmonia entre o desenvolvimento econômico e a justiça social. E nesta hora de um mundo marcado de angústias, egoísmo, intransigência e desalento, faz-se certeza a esperança no grande destino do Brasil, ao se ver a Nação encontrar a confiança em si mesma, a convergência da vontade coletiva, a consciência do próprio valor, assim como as inspirações, as energias e o entusiasmo de um legítimo orgulho nacional (MÉDICI, 1970, n.p).

Provavelmente muitos homens e mulheres aderiram ao projeto nacionalista dos militares, por estabelecerem com ele uma afinidade sentimental. Afinal, os condutores do regime partiam da perspectiva que ganhariam a adesão às suas propostas de organização da vida social se conseguissem uma opinião pública cada vez mais favorável a seus feitos e ações, portanto, a participação de cada um era fundamental. Entretanto, essa participação significava partilhar a identidade de reações afetivas com outros membros. Portanto, se o mundo lá fora era atravessado por *angústia*, *egoísmo* e *desalento*, a publicidade de

empresas públicas e privadas se esforçava por representar o país como um paraíso de entendimento e de solidariedade afetiva.

No bojo desses acontecimentos, campanhas e programas esportivos eram veiculados nos meios de comunicação, escolas e comunidades de bairro mobilizadas, para criar uma atmosfera de participação em torno das ações e políticas culturais do governo. Segundo Otávio Costa, chefe da Assessoria Especial de Relações Públicas (Aerp), era preciso “promover e estimular a vontade coletiva para o esforço nacional de desenvolvimento.” (COSTA, 1970, p. 14).

A temática da *participação* como valor a ser incorporado ao comportamento social foi usada em muitas campanhas esportivas para legitimar o projeto de desenvolvimento proposto. Mas, é importante observar que tanto a propaganda governamental quanto a de empresas privadas convocavam a participação de toda a nação, de diferentes segmentos sociais, rumo ao futuro grandioso, suscitando a ação, adesão e confiança da população ao regime. A campanha esportiva da cooperativa central dos produtores de açúcar dizia:

Nós somos industriais, fabricantes de açúcar, a mais completa fonte natural de energias que existe. E é energeticamente que nós achamos que se você entrar em forma, a sua família entra em forma. Se a sua família entrar em forma, a família do seu vizinho também entra, e o vizinho do vizinho do seu vizinho também entra. A sua rua entra em forma, o seu quarteirão entra em forma, a sua cidade entra em forma. Daqui a pouco todo mundo estará em forma. É disso que o Brasil também precisa para se transformar numa grande potencia mundial. E isso não é brincadeira.²⁴

²⁴ Campanha Copersucar da boa forma física. Revista Veja 30/08/1972



Campanha Copesucar da Boa Forma Física ²⁵

O chamado “milagre econômico” foi transformado em importante artefato político e o discurso do desenvolvimento nacional e da Educação Física estavam cada vez mais vinculados. Direcionadas à população de forma geral, as campanhas esportivas tinham como objetivo também a constituição de um ideário nacionalista – vigor e saúde associados a manifestação do sentimento de amor à pátria. Além disso, percebendo que a legitimidade do regime militar girava em torno do discurso do desenvolvimento econômico, os setores civis não se eximiram em contribuir com o conjunto de construções discursivas.

A realização das campanhas para incentivar a população brasileira à prática de esportes e atividades físicas era compreendida como a consolidação de um país desenvolvido rumo ao dito primeiro mundo e a expectativa de que faltava pouco para nos transformarmos numa “grande potencia mundial” se explica na compreensão de futuro do próprio presidente Médici que proferiu o seguinte no seu discurso de posse: “creio no apressamento do futuro.” (MÉDICI, 1969, n.p).

Assim, a expressão “Brasil grande” sintetizava o futuro próximo, o de nos tornarmos uma potência mundial marcando os diversos setores civis e militares na década de 1970.

²⁵ Revista Veja 30/08/1972

Desse modo, a prevenção de doenças e a promoção da saúde relacionada à prática de atividades físicas faziam parte das discussões em torno de uma política pública para o setor, associada também aos lazeres ativos, a Educação Física poderia consolidar comportamentos sociais mais harmônicos e sintonizados com a nação.

Participar dos programas esportivos e, como consequência, adquirir boa forma física era apresentada como uma espécie de preparação para esse futuro que se acreditava poder apressar. Despontam propostas e estratégias diferentes buscando transformar os usos do tempo livre, especialmente com a família, em formas de lazer adequadas. A Campanha Copersucar da Boa Forma Física destacava “não é só fazendo filhos que a agente vai fazer do Brasil uma grande potência. É preciso que quem já está aqui entre em forma. Nenhum país fica forte quando seu povo está fora de forma.”²⁶

Assim, além de contribuir para disseminar a prática da atividade física para a população com vistas não apenas ao condicionamento físico atlético, mas voltado aos cidadãos comuns para que os mesmos pudessem se tornar mais saudáveis e disciplinados às normas estabelecidas pelo regime, a campanha Copersucar da Boa Forma Física contribuiu também para colocar a família como objeto de correção e vigilância.



Campanha Copersucar da Boa Forma Física²⁷

²⁶ Idem.

²⁷ Revista Veja, 04 de outubro de 1972.

O movimento de massificação do esporte no início da década de 1970 ocorreu em meio a tensões estabelecidas com outras práticas culturais e indicava a emergência de uma nova sensibilidade que despontava em direção à constituição do que deveria ser ainda o *homem moderno*:

Sabemos que custou muito para nosso povo chegar aonde chegou. Foi preciso muita energia para fazer o gigante acordar. Agora que o gigante já está acordado e trabalhando energeticamente para cuidar do bolso, não custa nada trabalhar um pouquinho para cuidar do corpo. Você precisa tomar consciência de que um gigante com o corpo fora de forma, não pode continuar trabalhando para cuidar do bolso. Quando o corpo do gigante não ajuda, a cabeça do gigante padece. Não custa nada você saber que isso pode custar muito.²⁸

A modernização desenvolvimentista, a urbanização e a consolidação dos setores médios favoreceram a criação de um espaço cultural no qual bens simbólicos, entre eles o comércio esportivo, passaram a ser consumidos por um público cada vez maior. A Revista *Visão*, em 1973, publicava importantes dados sobre a indústria esportiva:

Segundo informações fornecidas durante uma reunião no sindicato da Indústria e Materiais e Equipamentos Ferroviários e Rodoviários do Estado de São Paulo, a produção paulista de bicicleta foi estimada em 800 mil unidades. A produção prevista para este ano é de 1,2 milhões de unidades.²⁹

A associação do corpo saudável ao modelo de corpo atlético revelava-se ainda como estratégia de consumo voltada a vender produtos do estilo de vida ativo. Mesmo com a poluição e as dificuldades de mobilidade urbana, a bicicleta passava a ser uma alternativa mais econômica e saudável como meio de transporte:

A bicicleta sofreu uma revolução no seu uso, afirma Sergio Ficarelli, da Caloi, 'e as indústrias instituíram a linha jovem, para passeio e esporte'. Para Walter Dialectaquiz da Monark, o mercado atualmente é promissor, pois atende as pessoas de oito a oitenta anos. 'A bicicleta' diz ele 'é recomendada pelos médicos como exercício preventivo contra infartes.'[finaliza].³⁰

A atmosfera *otimista* desencadeada com o crescimento econômico no final da década de 1960, somado às conquistas esportivas do ano de 1970 como o 2º lugar obtido

²⁸ Idem.

²⁹ Revista *Visão*, nº 3, 31 de julho de 1973, p, 66.

³⁰ Revista *Visão*. Nº 3, 31 de julho de 1973, p. 66.

pelo basquete no campeonato mundial e o desempenho de Mequino nos torneios mundiais de xadrez, deveria se estender até as comemorações dos 150 anos da Independência do Brasil, data a ser comemorada em 1972. A Comissão Executiva Central para as comemorações do sesquicentenário da Independência do Brasil (CEC) organizou diversos eventos esportivos em todo país naqueles anos.

Noventa milhões em ação: a grande festa esportiva

Em abril de 1972, na cidade do Rio de Janeiro, o presidente português, almirante Américo Thomaz, entregou os restos mortais de d. Pedro I ao Brasil dando início as comemorações do sesquicentenário da Independência. A cerimônia começou com a assinatura do termo de entrega dos despojos régios pelos governantes de Brasil e Portugal e logo depois a esquife com os restos mortais de d. Pedro I foi transportada em veículo bélico do Exército para o Museu Nacional da Quinta da Boa Vista.³¹ O ponto máximo dos festejos nacionais naquele ano consistiria no depósito dos restos mortais de d. Pedro I no monumento do Ipiranga na cidade de São Paulo.³²

Um dos principais eventos esportivos organizados pela Comissão Executiva Central para as comemorações do sesquicentenário da Independência do Brasil (CEC) foi a Taça da Independência, nome oficial do torneio internacional de futebol que reuniu no país algumas das mais importantes seleções mundiais ao longo dos meses de junho e julho de 1972.

A idealização e organização do torneio também conhecido como minicopa do mundo de futebol foi da Confederação Brasileira de Desportos, sendo um modo encontrado pelos dirigentes do futebol nacional para contribuir com as comemorações do sesquicentenário da Independência, além de se integrar oficialmente à programação. Embora alguns países europeus houvesse em boicotados os jogos em repúdio as acusações

³¹ Folha de São Paulo, 23 de abril de 1972.

³² Ver; Cordeiro, Janaína Martins. Lembrar o passado, festejar o presente: as comemorações do sesquicentenário da Independência, entre consenso e consentimento (1972). Tese apresentada ao Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obtenção do grau de doutor em História, Niterói- RJ, 2012.

de tortura política³³, muitos jornais da época associavam as conquistas vividas pela sociedade brasileira em vários setores desportivos ao governo Médici:

A importância do esporte, no Brasil, pode ser entendida ao analisarmos as providências do Governo Federal, em seu favor, cujos fatores atestam que somos os melhores do mundo, tem merecido as atenções das autoridades: também o setor amadorista que vem sendo beneficiado por diversas medidas que, com certeza, no médio prazo, projetarão o nome do Brasil no cenário internacional.³⁴

De acordo com professora Matos (2004), os fragmentos dos discursos extraídos dos pronunciamentos do presidente Médici refletem não apenas a ideologia do sistema, como também nos permitem identificar os temas reproduzidos nos programas do governo. O discurso do presidente Médici, proferido na Escola Superior de Guerra em 1970, atribuindo ao “homem anônimo a primeira das nossas infraestruturas básicas” e, portanto, “preciso aperfeiçoá-lo” já sinalizava os esforços pedagógicos de seu governo que deveria envolver o esporte/ Educação Física e sua utilização como meio de educar a população:

Cuidados especiais estaremos sempre dando à família e à formação moral e cívica do homem brasileiro, de tal forma que se preservem os valores espirituais da nacionalidade e se fortaleça o caráter do povo, sem o que o progresso material poderá ser passageiro, enganador e até desumano (MÉDICI, 1970, p.77).

Nesse momento, não se tratava mais de consolidar o Estado-nação, tarefa essa concluída pelo Estado Novo (1937-1945), mas antes, ampliar o que já havia sido construído, ou seja, enaltecer aqueles elementos anteriormente definidos como geradores desse Estado-nação. As ideias-forças de tradição, brasilidade, mistura de raças, país continental associadas à leitura desenvolvimentista dos militares foram incorporadas ao discurso cívico. E o civismo, neste contexto, estava ancorado no ideário *otimista* do regime militar que buscava no passado as experiências constitutivas da cultura nacional (MAIA, 2012).

A marchinha de autoria do compositor Miguel Gustavo “*noventa milhões em ação pra frente Brasil do meu coração*” que mobilizou boa parte da população brasileira durante a Copa do mundo de futebol continuou embalando grande número de torcedores na Taça

³³ Alemanha, Itália e Inglaterra não participaram e acusaram o governo brasileiro de utilização política do torneio. Contudo, países do bloco socialista como Iugoslávia e União Soviética aceitaram participar do torneio Internacional.

³⁴ Jornal dos Sports, 5 de junho de 1972.

Independência em 1972. Desde cedo, a propaganda do governo Médici se esforçou para construir um imaginário nacional-patriótico forjado a partir de sentimentos de pertencimento, elaborados a partir de um discurso *otimista* sobre a trajetória da sociedade brasileira, os festejos do aniversário da cidade de São Paulo, dois anos antes, é salutar nesse sentido.

Nesta manhã de São Paulo, aqui estou com o povo na praça, e, na tarde que nos espera a todos, faço questão de unir a minha voz à voz da multidão no Morumbi. Permitam-me todos, ali, que o Presidente tenha também um momento de si mesmo. Meus irmãos bandeirantes! Estando com os pés aqui neste chão de planalto e ao abrir este ponto de encontro, contemplo Deus que nos vale na Consolação e lembro os irmãos jesuítas que plantaram o planalto no pátio do colégio e gravaram, para a eternidade, nas areias do litoral, o mandamento brasileiro da compreensão, da doçura e do amor (MÉDICI, 1970, p. 22).

De acordo com Maia (2012), se o objetivo era a *integração nacional*, o passado abstrato tornava-se fundamental na formação de uma trajetória comum compartilhada por todos os brasileiros. Portanto, esse passado compreendido como “memória nacional” foi considerado o elemento-síntese da tradição nacional, ou seja, o passado cultuado, por meio do ensino da cultura, era identificado com o patriotismo necessário à construção do imaginário social e o estabelecimento de laços de solidariedade à reciprocidade necessária entre o Estado e a sociedade civil (MAIA, 2012).

A visão do povo cordial, do conagraçamento racial, do país do samba e do futebol de futuro glorioso produzidas pelo discurso otimista eram exaltadas nas propagandas oficiais, nas propagandas de empresas privadas e numa série de canções de cunho popular ao longo das festividades nacionais. Na busca por adesão popular, os organizadores dos eventos esportivos realizaram espetáculos com ídolos da música brasileira da época que acabaram associando sua imagem ao discurso de ordem promovido pelo regime militar. Um exemplo foi a III Olimpíada do Exército com sede em Porto Alegre nos dias 26 de abril a 7 de maio de 1972:

O início será um jogo da seleção brasileira, no Gigante do Beira-Rio, com os portões abertos. Depois vem o desfile de escolas de samba. E espetáculos artísticos com cartazes nacionais do Rádio e da TV. Torneios internacionais de ginástica e remo. Prova turfística. Feira da criança. Bailes populares. Mostra de artes. Tudo que você possa imaginar. Junte a isso a beleza do por do sol no Guaíba, a Rua da Praia, o parque Farroupilha, a hospitalidade dos gaúchos. Não vai dar para perder. Visite

Porto Alegre nesta época, pois, o país vai se mudar para lá. Sesquicentenário da Independência, festa de amor e paz.³⁵

Para o historiador Paulo Cesar de Araújo, a estética da esperança e do otimismo não era algo estranho à música popular brasileira, no período do chamado *milagre econômico*, diversos artistas brasileiros resolveram regravar “Aquarela do Brasil”, o ufanista tema de Ary Barroso. Originalmente lançado em 1939 por Francisco Alves, a canção ressurgia em diversas regravações praticamente simultâneas. Sob esse aspecto o historiador chama a atenção para o ano de 1969: Elis Regina a gravou duas vezes no mesmo; Agostinho dos Santos também a gravou; Erasmo Carlos gravou junto com sua banda “Os Tremendões” e Tom Jobim a gravou no LP Stone Flower de 1970 (ARAÚJO, 2013).

O grupo “Os Incríveis” também gravou “Aquarela do Brasil” e inovou na introdução da canção com os seguintes dizeres: “Esta é nossa homenagem, Brasil/ A homenagem dos jovens que mais do que nunca/ acreditam no teu futuro!/ Vai gigante/ vai e escreve nas páginas da história/ o teu glorioso nome/ Brasil, meu Brasil brasileiro...” (ARAÚJO, 2013).

Segundo Paulo Cesar de Araújo, Jorge Bem foi outro famoso defensor da estética otimista que deu seu tom ao coro dos contentes. Em 1969 lançou a canção “País Tropical”: “Moro num país tropical/ abençoado por Deus/ e bonito por natureza”. Em 1971 Jorge Bem compôs “Brasil, eu fico” inspirada no famoso slogan do governo Médici: *Brasil ame-o ou deixe-o* e interpretado por Wilson Simonal:

Este é o meu Brasil
Cheio de riquezas mil
Este é o meu Brasil
Futuro e progresso do ano 2000
Quem não gostar e for do contra
Que vá pra...

Neste mesmo ano, o grupo “Os Originais do Samba” lançou um compacto simples com as músicas: *E lá se vão meus anéis*, dos compositores Eduardo Gudin e Paulo Cesar Pinheiro e a canção, *Brasileiro*, composta por Lelê e Luis Carlos. A primeira canção venceu o

³⁵ Revista Veja, 26 de abril de 1972.

IV Festival Universitário da Música Popular Brasileira-1971 e a segunda canção também foi inspirada no famoso slogan do governo Médici: *Brasil ame-o ou deixe-o*.

Associando música e vitórias no campo esportivo, os irmãos Marcos e Paulo Sergio Valle conhecidos por suas canções de crítica social como “Terra de ninguém” e “Viola enluarada,” inspirados pela atmosfera *otimista* daqueles anos e empolgados com a vitória da seleção brasileira de futebol, na Copa de 1970, compuseram a enaltecadora “Sou tricampeão”: “Hoje/ igual a todo brasileiro/ vou passar o dia inteiro/ entre faixas e bandeiras coloridas...”. E, em outra canção de cunho patriota “Flamengo até morrer”, dizia “Que sorte eu ter nascido no Brasil/ até o presidente é Flamengo até morrer/ e olha que ele é o presidente do país.”³⁶

Assim, a partir da construção da *figura de homem comum, do presidente torcedor, símbolo do brasileiro autêntico*, o governo Médici soube usufruir e articular apoios civis e militares.

Os eventos esportivos neste período estavam em perfeita harmonia com o projeto de mobilização cívico- patriótico desenvolvido pela propaganda do regime tão necessário ao aumento da produtividade. E, entre as muitas canções ouvidas nos estádios, a Marcha do Sesquicentenário da Independência composta por Miguel Gustavo dizia:

Marco extraordinário
Sesquicentenário da independência
Potência de amor e paz
Esse Brasil faz coisas
Que ninguém imagina que faz
É Dom Pedro I
É Dom Pedro do Grito
Esse grito de glória
Que a cor da história à vitória nos traz
Na mistura das raças
Na esperança que uniu
No imenso continente nossa gente, Brasil

Sesquicentenário
E vamos mais e mais
Na festa, do amor e da paz (ARAÚJO, 2013).

³⁶ Marcos e Paulo Sergio Valle. Flamengo até morrer. Disponível: [http://www.flamengo.com.br/flapedia/Flamengo_at%C3%A9_Morrer_\(Marcos_e_Paulo_S%C3%A9rgio_Valle\)](http://www.flamengo.com.br/flapedia/Flamengo_at%C3%A9_Morrer_(Marcos_e_Paulo_S%C3%A9rgio_Valle)). Acesso: 04/06/2014.

Desta forma, o acelerado crescimento econômico e o sentimento de *otimismo* crescente que envolvia segmentos significativos da sociedade brasileira no início da década de 1970 se constituíram em importante agente do consenso ditatorial *vistos, cantados e ouvidos*, pois, segundo o governo, na “*marcha para o desenvolvimento, o povo deveria ser o protagonista principal e não apenas o espectador.*” Na busca por adesão popular, os espetáculos musicais e esportivos ajudavam a promover o patriotismo que o discurso militar defendia. A criação de campanhas de massificação esportiva, ao longo da década de 1970, foi, em certa medida, a expressão da ambição de promover corpos produtivos, úteis e sadios e, ao mesmo tempo, implantar uma nova mentalidade cívica condizente com os valores que o regime militar intencionava promover.

Referências

ARAÚJO, Paulo Cesar. *Eu não sou cachorro não. Música popular cafona e ditadura militar*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

BRACHT, V. *Sociologia crítica do esporte: uma contribuição*. Vitória: UFES-Universidade Federal do Espírito Santo, 1997.

Brasileiro (Luis Carlos / Lelé), LP *Os originais do samba exportação* (1971) RCA Victor, BSL 1541. Disponível; http://www.discosdobrasil.com.br/discosdobrasil/consulta/detalhe.php?Id_Disco=DI04029. Acesso: 02/06/2014.

Colombo, Alfredo. *Áreas de lazer e seu papel na comunidade*. In: *Revista brasileira de Educação Física*. Ano 4, nº 11, p. 18, 1972.

CORDEIRO, Janaína Martins. *Lembrar o passado, festejar o presente: as comemorações do Sesquicentenário da Independência entre consenso e consentimento, 1972*. 333p. Tese (Doutorado em História) - Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2012.

Correa, Arlindo. *Esporte e desenvolvimento*. *Revista brasileira de Educação Física e desportiva*. Ano 3, nº 9, p. 3, 1970.

Costa, Lamartine Pereira & Takahashi, Geoge Massao, *Fundamentos do Esporte para Todos 1983*. Secretaria de Educação Física e Desporto. Livro Técnico,

distribuição gratuita aos alunos do ensino superior de Educação Física e outros profissionais interessados no movimento “Esporte para Todos” P.02-03. Janeiro de 1983.

Costa, Lamartine Pereira (org). Teoria e prática do esporte comunitário e de massa. Palestra edições, Rio de Janeiro, p. 196, 1981.

Jornal do Brasil. Otavio Costa fala sobre a Aerp. 01 de julho de 1970. Primeiro caderno, p, 14.

FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FRAGA, Gerson Wasen. *Futebol, imprensa e ditadura: das formiguinhas de Geisel à abertura de Telê*. Disponível em:
<www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300985039_ARQUIVO_DasformiguinhasdeGeisel.pdf> Acesso em: 23 jun. 2014.

Manifesto Mundial de Educação Física da Federação Internacional de Educação Física. Revista Brasileira de Educação Física e desportiva. P. 9-17, Ano 4, nº 10, 1971, Tradução do Gen. Jayr Jordão Ramos.

Maia, Tatyana Amaral. Os Cardeais da Cultura Nacional: O Conselho Federal de Cultura na ditadura civil-militar (1967-1975). Organização da coleção Lia Calabre. São Paulo: Itaú Cultural: Iluminuras, 2012, p, 136.

MATOS, Heloisa. **Governo Médici: discurso oculto na comunicação institucional**. IIº Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, FENAJ/UFSC- Abril 2004-03-08. Disponível em: <http://www.facasper.com.br/pos/libero/libero12/O%20discurso%20opol%EDtico%20oculto%2054-64.pdf>

Medeiros, Ethel Bauzer. Valor da recreação nos países em desenvolvimento. Revista Brasileira de Educação Física e desportiva. Ano 4, nº 11, p. 14, 1972.

Médici, Ernesto G. Brasil 70. Política e debate. Revista Visão, São Paulo: N. 3, p, 102, 14 de fevereiro de 1970.

Médici, Emílio Garrastazu. Discurso proferido na visita ao 1º Grupamento de Engenharia, em João Pessoa. Paraíba (em 8 4 1970).

MEDICI, Emílio G. Nova Consciência do Brasil. Presidência da República. Pg. 79. 1970. Disponível: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex->
Revista Cenas Educacionais, Caetité – Bahia - Brasil, v. 2, n. 2, p. 61-95, jul./dez. 2019.

presidentes/emilio-medici/mensagens-presidenciais/mensagem-ao-congresso-nacional-de-1970. Acesso: 28/05/2014.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. O esporte em tempos de exceção: sob a égide da Ditadura (1963-1985). In: PRIORE, Mary et al. (Org.). *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: UNESP. 2009.

Ortiz, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira*. Ed. Brasiliense, p, 1988.

Ramos, Jair Jordão. Panorama mundial da educação física e atividades correlatas. *Revista brasileira de educação física e desportiva*. Ano 3, nº 9, p. 19, 1970.

Reis, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Calmon a Bonfim*. Rio de Janeiro, FGV, p. 34-37, 2006.

ROLLEMBERG, Denise & Quadrat, Samantha Viz (orgs). Apresentação. In: *Memória, História e autoritarismo*. In: *A Construção social dos regimes autoritários. Legitimidade, consenso e consentimento no século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

REZENDE, Maria José. *A ditadura militar no Brasil: repressão e pretensão de legitimidade: 1964-1984*. Londrina: Eduel, 2013.

Sant'Anna, Denise Bernuzzi. *O prazer justificado. História e Lazer*. (São Paulo, 1969/1979). Editora Marco Zero, São Paulo, p.66, 1994.

Souza, Ovídio Silveira. *Munique 72 culpados e inocentes*. *Revista Brasileira de Educação Física e desportiva*. Ano 4, nº 12, 1973.

VIGARELLO, George. *Estádios: o espetáculo esportivo das arquibancadas às telas*. (Referência incompleta)

VIGARELLO, George. *Treinar*. In: COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, George (Org.). *História do Corpo. As mutações do Olhar. O século XX*. Tradução e revisão Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2008. (v.3)

VIGARELLO, George. *Estádios : o espetáculo esportivo das arquibancadas às telas*. In: COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, George (Org.). *História do Corpo. As mutações do Olhar. O século XX*. Tradução e revisão Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (v. 3.)

Artigo recebido em: 10 de maio de 2019

Aprovado em: 17 de setembro de 2019

SOBRE XS AUTORXS

Nailze Pereira de Azevêdo Pazin é doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora na rede municipal de ensino de Florianópolis.

Contato: azevedopazin@gmail.com

ORCID: [0000-0003-3670-4774](https://orcid.org/0000-0003-3670-4774)

Denize Pereira de Azevêdo é doutora em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora Adjunta na Universidade Estadual de Feira de Santana.

Contato: denizefreitas0505@gmail.com

ORCID: [0000-0002-5348-7743](https://orcid.org/0000-0002-5348-7743)

Marroney de Santana Nery é graduando em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

Contato: marroney18@gmail.com

ORCID: [0000-0002-8224-2948](https://orcid.org/0000-0002-8224-2948)